

Marie de Gournay e Simone de Beauvoir: notas sobre memória e história

Clêmie Ferreira Blaud¹

Resumo: A prática de evocar nomes de mulheres, personagens míticas ou reais, nos discursos filosóficos que tratam da emancipação feminina serve a dois objetivos principais: i. resgatar a memória das mulheres, com o propósito de reconstruir a história da filosofia, refutando os argumentos desfavoráveis às mulheres; ii. exemplificar os conceitos discutidos no texto com a ação ou pensamento de outras mulheres, muitas delas esquecidas na história da filosofia. O estudo das semelhanças e diferenças no modo como os nomes de mulheres são mobilizados produz novas reflexões sobre a memória e a história da filosofia. Este artigo investiga essas questões em dois textos, sendo um do século XVII, *Égalité des hommes et des femmes*, escrito por Marie de Gournay; e o outro do século XX, o capítulo intitulado *História* da obra *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir.

Palavras-chave: Marie de Gournay – Simone de Beauvoir – Feminismo – Memória – História

Marie de Gournay and Simone de Beauvoir: notes about memory and history

Abstract: The practice of evoking the names of women, mythical or real characters, in philosophical discourses that deal with female emancipation serves two main purposes: i. to rescue the memory of women, with the purpose of reconstructing the history of philosophy and refuting the arguments unfavorable to women; ii. to exemplify the concepts discussed in the text with the action or thought of other women, many of them forgotten in the history of philosophy. The study of similarities and differences in the way which women's names are mobilized produces new reflections on memory and the history of philosophy. This article investigates these issues in two texts, one from the 17th century, *Égalité des hommes et des femmes*, written by Marie de Gournay; and the other from the 20th century, the chapter entitled *History* of the work *The second sex* of Simone de Beauvoir.

Keywords: Marie de Gournay – Simone de Beauvoir – Feminism – Memory – History

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na área de Ética e Filosofia Política, sob a orientação da Profa. Maria das Graças de Souza. E-mail: clemieblaud@gmail.com.

Igualdade entre homens e mulheres, texto que hoje se faz presente na história do feminismo, foi publicado em 1622, 1626, 1634 e 1641, este último quatro anos antes da morte de sua autora, Marie de Gournay. Entre a primeira e a última publicação, Gournay corrige, revisa e acrescenta nomes de mulheres da mitologia, da história e da religião, cuja ação reforça o argumento contra a ideia de superioridade do sexo masculino sobre o feminino. O memorial de nomes femininos articula-se ao par conceitual entendimento-memória, aspecto relevante no pensamento de Gournay para uma espécie de reinvenção da história das mulheres por elas mesmas. Por sua vez, Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, dedica o capítulo intitulado *História* à reconstrução narrativa do lugar de inferioridade que as mulheres ocupam em relação aos homens. Um memorial de nomes de mulheres perfila ao longo do texto que discute os movimentos de imanência e transcendência, fundamentando o projeto da filósofa para a fenomenologia existencialista. Enquanto na história da filosofia tudo se passa como se as mulheres, com raras exceções, não tivessem se interessado pelos problemas da filosofia, Gournay e Beauvoir examinam conceitos filosóficos evocando exemplos de nomes que avultam ações e pensamentos protagonizados por mulheres, refutando, assim, os argumentos favoráveis à superioridade intelectual masculina. Os dois textos contemplam o problema da memória e da história das diferenças entre os sexos, porém, por caminhos distintos. *Igualdade entre homens e mulheres* é um discurso cético em defesa do direito das mulheres em acessar o mesmo conhecimento que os homens; reivindicação que, na França, só chegaria a um desfecho em 1924, com o decreto que garantiu às crianças de ambos os sexos frequentarem a mesma escola, recebendo o mesmo conhecimento. *O segundo sexo*, contemporâneo à conquista do sufrágio feminino na França², olha para o passado observando os séculos de patriarcado e questionando o estatuto social da mulher como dependente da proteção masculina. No que concerne à memória e à história das mulheres cotejadas, as obras encontram mais diferenças do que semelhanças, visto que Gournay propõe um movimento em busca da origem da igualdade entre os sexos e Beauvoir parte da categoria de alteridade dada à mulher, “outro” que não pode ser aceito como “mesmo”, para compreender o percurso da desigualdade. Em comum, e justapostos, os memoriais de nomes produzem uma nova urdidura para a reconstrução da história das mulheres na história da filosofia. Coloca-se como problema a ser reconstruído neste artigo como o memorial de nomes femininos participa de cada um dos textos e se existe algo em comum entre eles que pode servir ao ensino de memória e história no campo da filosofia, dos gêneros ou feminismo.

Marie de Gournay

Igualdade entre homens e mulheres, na versão de 1622, é um pequeno opúsculo tido como panfletário que surge em meio à “querela das mulheres”, iniciada no século XV nos meios intelectuais sobre a temática do estatuto da mulher e seu acesso ao conhecimento. As demais versões – de 1626, 1634 e, particularmente, a última de 1641, examinada neste artigo – foram reescritas para coletâneas de textos que Gournay publicou em vida, aprimorando ideias, estilo e exemplos elencados. Herdeira do ceticismo montaigneano, Gournay estabelece um jogo retórico entre personagens míticos e reais, do passado e do presente, da mesma cidade ou

² Na França, o direito das mulheres ao voto só ocorre em 1944 e elas votam pela primeira vez em 1945.

distantes, para fazer a apologia da igualdade privilegiando a *epoché* em tom dos *nouveaux pyrrhoniens*. Assim, a leitura de *Igualdade entre homens e mulheres* nos convida à pesquisa do discurso tecido por um emaranhado de feixes; entre esses, os nomes de mulheres, cuidadosamente escolhidos na literatura erudita para realçar a época e o local onde viveram, a posição social, os filhos, os casamentos, os feitos heroicos ou a santidade, que sedimentam a sua tese da igualdade confrontada às muitas argumentações, e ao senso comum, favoráveis à ideia da superioridade masculina. A memória de nomes produz uma perspectiva historiográfica e filosófica que aponta as dificuldades dos filósofos homens em relação ao tema, sem contudo condená-los à fogueira; pelo contrário, a filósofa ensina que é possível revisá-los e corrigi-los em seus erros.

Gournay inicia o texto colocando dúvidas a respeito das ideias de superioridade e de inferioridade entre homens e mulheres e diz que pretende provar a dignidade e a capacidade das mulheres não por argumentos “nem por exemplos, pois estes são muito comuns, mas sim pela autoridade de Deus, dos Santos Padres da sua igreja e dos grandes filósofos que serviram de luz no universo”³. Embora diga que não pretende provar com exemplos, o que ela faz é, justamente, evocar a lista de nomes femininos cujas ações, ou cujos discursos, podem ser lembrados ao lado de nomes masculinos de santos e filósofos. A estratégia da autora, que não dispensa uma dose de ironia, é camuflar sua reivindicação de igualdade com o argumento de autoridade dos nomes masculinos, conduzindo o leitor a observar que homens e mulheres participaram de modo equivalente em feitos semelhantes. Longe de desrespeitar filósofos consagrados, Gournay está disposta a mostrar que os homens tidos como autoridades, ainda que tenham faltado com o reconhecimento das ações femininas em algumas passagens, em outras, ou de algum modo, reconheceram a igualdade entre os sexos. Por um lado, o que torna alguém uma autoridade é a sua qualidade como filósofo, teólogo, historiógrafo, governante, etc, isto é, a qualidade do conhecimento acessado pela razão, por outro, masculino e feminino também são qualidades, ainda que qualidades da natureza; resta saber se existe alguma relação equivalente entre a qualidade da natureza-sexo e a qualidade do conhecimento. Gournay aponta o momento em que as mulheres foram citadas por filósofos, historiógrafos, santos e poetas, constatando a igualdade e disso decorre que a autoridade da mulher sobre o homem pode ser inferida tanto quanto a do homem sobre a mulher. Trata-se de examinar o problema da igualdade entre os sexos pela abordagem qualitativa, mas esta só pode ser confirmada se houver também igualdade quantitativa, refutando o argumento de que esta e aquela são raras exceções entre as mulheres. Gournay observa o equilíbrio quantitativo entre mulheres e homens na humanidade citando de início aquilo que é óbvio: que os defensores da superioridade masculina colocam-se acima de Hércules, pois este desafiou apenas doze monstros em doze trabalhos, mas aqueles desafiam metade da humanidade, aludindo à metade formada por mulheres⁴. O jogo retórico de Gournay passa, assim, pela abordagem da qualidade-quantidade remetida ao par conceitual entendimento-memória, ou ainda razão-exemplos, como via de questionamento sobre o problema da igualdade. Incluir a outra metade da humanidade é dismantelar a autoridade de um sexo sobre o outro; mas, mais que isso, é incluir novas perspectivas de qualidade que tem como desafio fazer valer as virtudes e enfraquecer os vícios dos argumentos de autoridade

³ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 296.

⁴ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 296.

nos quais subjaz a dinâmica de poder social que nega o conhecimento e a cidadania às mulheres.

No texto de 1622, entre os fundadores da filosofia, Marie de Gournay comenta sobre Platão, Sócrates e Teodoro de Cirro ao lado de Aspasia, Diotima e Hipátia de Alexandria,⁵ construindo uma relação simétrica quanto à época e à quantidade de nomes representativos do sexo masculino e feminino. Em 1641, o texto investe em um movimento mais complexo. Ao lado de Platão e Sócrates, Gournay nomeia Hipátia de Alexandria, filósofa e matemática grega que viveu cerca de oitocentos anos depois de Sócrates⁶. Em seguida, conduz o leitor a um exercício retrospectivo de memória sobre os pré-socráticos, lembrando-lhes que bem antes Hipátia, Temistoclea, Teano e Damo, irmã, esposa e filha de Pitágoras, transmitiram os ensinamentos deste e depois tiveram seus próprios discípulos. Ato contínuo, leva a memória do leitor aos tempos de Cícero, quando se ouviu falar da eloquência de Cornélia, a mãe dos irmãos Gracos, e de Laelia, filha de Caio⁷ e avança mais um século, evocando Quintiliano em seu elogio à filha de Laelius e à filha de Hortensius, personagens das obras de Cícero. Contam-se até aqui nove personagens masculinos e sete femininos. Um leitor do texto de 1641, ignorando o texto de 1622, poderia parar por aqui e dizer que em busca do equilíbrio de forças, Gournay deveria ter evocado Diotima e Aspasia ao lado de Platão e Sócrates, e não falar de Hipátia que viveu séculos depois em Alexandria. Gournay, no entanto, parece adivinhar o que o leitor vai dizer e responde colocando a seguinte questão:

E o que dizer se Tyco Brahe, o famoso astrólogo e barão dinamarquês, falecido no século XVI, tivesse vivido um pouco depois, no século XVII, não teria elogiado Anne van Schurman, sua vizinha da Holanda, grande conhecedora e emuladora das mulheres latinas e dos grandes poetas?⁸

Entende-se, agora, que Gournay refuta, assim, a abordagem esquemática de que para cada personagem homem, há uma mulher no mesmo espaço e tempo; isto é, refuta a máxima da cultura que, nos dias de hoje, poderia ser expressa pelo ditado “por trás de todo homem bem-sucedido, há sempre uma mulher”. Gournay quer mostrar que existem homens e mulheres em constante diálogo por interesses comuns, não importa se estão próximos ou distantes no tempo e no espaço. Ainda no mesmo parágrafo, Gournay questiona onde esteve Atenas, rainha da Grécia e das ciências? Não teria a deusa visto que tantas mulheres ensinaram como preceptoras, nem lido seus nomes em textos e nem ouvido de viva voz falar delas? Lembra-se de Areté, filha de Aristipe⁹, que teve cento e dez filósofos como discípulos e conclui que é cansativo continuar, pois são infinitos os nomes de mulheres a serem mencionados. Mostrando que o espaço geográfico não é fundamental para observar a proximidade intelectual entre homens e mulheres, Gournay resgata o episódio bíblico da Rainha de Sabá que atravessou mares e terras para adorar a sabedoria de Salomão,

⁵ GOURNAY, “*Igualdade entre homens e mulheres*”, p. 296.

⁶ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 297

⁷ Gournay diz que na sua opinião Laelia, ou l’Aelia é Sylla. Provavelmente trata-se de um debate a partir da menção de Plutarco de que Sylla teve uma primeira esposa de nome Ilia e Aelia seria a segunda e depois desta ainda teve outras três. Acredita-se que a primeira e a segunda sejam a mesma: Aelia.

⁸ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 297.

⁹ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 298.

considerando que a conhecia melhor que todo o seu século ou “por que ela a conhecia melhor, tanto por uma correspondência de sabedoria igual ou mais próxima do que todos os outros chefes da época?”¹⁰. Avançando o texto faz um movimento de retorno aos gregos e, agora sim, Gournay evoca Diotima e Aspasia, afirmando que preceptor e discípulo, Sócrates e Platão, colocaram na boca de duas mulheres os ensinamentos dos quais são alunos; e Máximo de Tiro faz o mesmo com Safo. Por fim, relembra Lastênia de Mantinea e Asiotea de Philus¹¹, discípulas de Platão que ensinaram na Academia depois de sua morte, sendo a primeira considerada o entendimento e a segunda, a memória¹². Constrói-se neste segundo parágrafo a tese central do texto observando que a qualidade de entendimento alcança ambos os sexos de modo semelhante; contam-se, ao final deste, exatamente dezesseis nomes de homens e dezesseis nomes de mulheres, reafirmando-se que a quantidade de mulheres que alcançam o conhecimento é igual a dos homens e refutando-se a ideia de exceções. O jogo retórico pode, então, seguir para os próximos parágrafos evocando feitos de soberanas, heroínas, santas e da parte feminina de diversos povos.

Se quase não se encontram nomes de mulheres autoras na historiografia, a menção a elas, e a participação que tiveram nos feitos, não foi de todo ocultada das narrativas. É nesse sentido que o par conceitual entendimento-memória opera evidenciando a história das mulheres, enquanto o entendimento sem memória poderia apagá-las. No decorrer do texto, o recurso da diatribe é bastante explorado; Gournay escreve como se houvesse um interlocutor ou um grupo de pessoas diante dela, como dito acima na citação de Tyco Brahe e Anna-Marie van Schurman. Cética pirrônica, Gournay não postula a verdade sobre a questão da superioridade ou da inferioridade de um dos sexos, mas provoca aqueles que evocam as autoridades e toma posição pela igualdade diante dos acontecimentos. Esses, expostos por razões e quantidades que acessam o entendimento à luz da memória, mobilizam o olhar sobre o geral e o particular ao falar de grupos como “as italianas, as francesas, as rainhas, as mulheres do comércio”¹³ e de nomes de mulheres “Pucelle d’Orleans, Judith¹⁴, Madalena¹⁵, etc”. Gournay lembra que os lacedemônios consultavam suas mulheres sobre assuntos privados e públicos nos relatos de Plutarco¹⁶; os germanos, segundo Tácito¹⁷, entregavam o dote às suas mulheres e não o contrário; e, em época corrente, entre as soberanas francesas, encontram-se uma rainha e uma princesa italianas, referindo-se, sem citar os nomes aqui, à Catherine de Médici e Maria de Médici:

Tendo em conta que a instrução é de tal importância, apenas um só de seus proveitos, isto é, o comércio do mundo, abundando entre as francesas e as inglesas e faltando às italianas faz estas, de grossa em grossa¹⁸, de longe

¹⁰ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 298.

¹¹ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 298.

¹² Segundo Diógenes Laércio, Asioteia pode ter estudado na Academia de Platão vestidas de homem. Sabe-se ainda que após a morte de Platão, continuou os seus estudos com Speusippus, sobrinho de Platão.

¹³ GOURNAY, “*Igualdade entre homens e mulheres*”, pp. 296-297.

¹⁴ GOURNAY, “*Igualdade entre homens e mulheres*”, p. 301.

¹⁵ GOURNAY, “*Igualdade entre homens e mulheres*”, pp. 300 e 302.

¹⁶ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 300.

¹⁷ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 302.

¹⁸ Gournay usa a expressão “en gros” ou “de gros en gros” em oposição a “en détail”, criando um jogo ambíguo com o vocabulário do comércio que em português poderia ser “atacado”, “peça inteira” ou “grossa”, sendo esta

ultrapassadas por aquelas? Digo em grossa porque em miúda quantidade¹⁹ as senhoras da Itália triunfam por vezes e de lá tomamos duas rainhas²⁰ *à la prudence*²¹, às quais a França deve muita obrigação.²²

No final do texto, Gournay recoloca a dúvida, deixando para os interlocutores a tarefa de refletir sobre a igualdade e sugerindo que tanto a mulher deve ser submissa ao homem, como este submisso a ela, pois a escritura afirma que é ele que deve deixar pai e mãe e seguir sua mulher²³. Nesta união, reafirma-se a origem humana como criatura de Deus, acrescida de uma provocação sobre a qualidade de quem porventura disser que Deus é masculino, motivo pelo qual o homem seria superior:

De resto, caso alguém seja tão desenxabido a ponto de imaginar masculino ou feminino em Deus, ainda que seu nome pareça soar masculino, nem conseqüentemente precisa da aceção de um sexo mais que do outro para honrar a encarnação de seu filho; este mostra, em plena luz do dia, que é tão mau filósofo, quanto teólogo.²⁴

Admitir que o homem é mais digno que a mulher é o mesmo que declarar que o homem é mais digno que aquele que criou os dois sexos: o próprio Deus “e isso, indaga Gournay, não seria o mesmo que cometer a mais grave blasfêmia?”²⁵. Tal entendimento só é alcançado com a participação da memória diante da evidência de que metade da humanidade é formada por mulheres, não sendo possível ocultar seus nomes em sua historiografia.

Simone de Beauvoir

Em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir intitula *História* a parte da obra dedicada a investigar as explicações pouco convincentes para a afirmação: “o mundo sempre pertenceu aos machos”²⁶. A fenomenologia existencialista de Beauvoir é fundada na bipartição natureza-cultura articulada aos movimentos do existir, manifestos pelos estados da existência caracterizados pelo par conceitual imanência-transcendência, sendo transcendência a superação do estado original do sujeito, enquanto imanência diz respeito à não superação desse estado, ou a não-existência. Em *O segundo Sexo*, o objetivo é compreender como o

última definida pela quantidade de doze dúzias, em oposição a “varejo”, “retalho” ou “pequena/miúda quantidade”.

¹⁹ Nota-se que Gournay, seguindo Montaigne, usa o vocabulário do comércio para falar de “conjunto e particular”, não necessariamente de universal e indivíduo, mas de conjuntos (francesas, italianas) e parte menor desse conjunto (rainhas), observando suas complexidades a exemplo das rainhas francesas que são italianas de nascimento.

²⁰ Referência provável à Catherine de Médicis e Marie de Médicis.

²¹ Optou-se por deixar a expressão “*à la prudence*” em francês, pois Gournay refere-se à moda de soberanos prudentes, isto é, sábios, que se estende a algumas mulheres soberanas da Renascença italiana.

²² GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 299.

²³ Referência ao versículo bíblico do livro de Gênesis 2: 24, evocado pelo Apóstolo Paulo na Carta aos Efésios: 5:31.

²⁴ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 309-310.

²⁵ GOURNAY, *Les Advis ou Les présents de damoiselle de Gournay*, p. 310.

²⁶ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 81.

“homem” – que tomou para si a definição de ‘ser humano’ – relega à mulher uma posição secundária. Como o papel de coadjuvante na história foi imposto à mulher e como ela o ocupou, ou a fizeram ocupar, essa posição de ‘segundo sexo’ em diferentes sociedades? Por fim, como a mulher se coloca no mundo e como corrobora essa configuração social? Ao tratar da biologia, antes de adentrar no exame da história, Beauvoir diz:

Há, na vida, dois movimentos que se conjugam; ela só se mantém em se superando e só se supera com a condição de se manter. Esses dois momentos realizam-se sempre juntos, pensá-los separados é pensar abstratamente. Entretanto, é ora um, ora outro que domina.²⁷

É partindo dessa necessidade de tratar a existência em si como um problema, considerando a necessidade que o indivíduo tem de compreender tanto a si mesmo como a realidade que o envolve e esta como uma forma autêntica de dar sentido à existência individual, que cada um busca uma inserção singular na existência comum, onde é percebida a presença dos outros seres. Assim, o estado de imanência vincula-se à não-existência e o estado de transcendência é a elevação do indivíduo à existência, que se dá pela via dos projetos no âmbito da cultura. Todavia, a transcendência não é um estado definitivo, uma vez que os acontecimentos da vida ou a liberdade de escolha podem conduzir um sujeito de volta ao estado de imanência, temporária ou definitiva. Diz Beauvoir, ainda no capítulo sobre a biologia:

Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência "em si", da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito.²⁸

Para Simone, o problema da mulher, como de todo ser humano, é ter a necessidade infinita de transcender em sua liberdade autônoma, porém, sendo mulher descobre-se (e escolhe-se) em um mundo onde os outros lhe impõem a condição de *Outro* que a remete à imanência. Assim, a mulher só transcende por meio de outra consciência, que não a sua. O seu drama é o conflito entre reivindicar sua transcendência e atender sua condição de imanente. Neste arcabouço conceitual constitutivo da história do sexo feminino, Simone de Beauvoir evoca mulheres da mitologia, da historiografia e da religião, fazendo perfilar um memorial de nomes enquanto investiga as condições em que os fatos ocorridos se movem para a transcendência ou para a imanência.

Para explicar as categorias de *Mesmo* e de *Outro*, no signo da dualidade homem e mulher, Beauvoir usa a ideia do “oceano” e “mar”, palavras masculina e feminina em francês, observando a dinâmica cíclica das cosmogonias antigas, nas quais um mesmo elemento tem

²⁷ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 34.

²⁸ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 22.

dupla encarnação de macho e fêmea no caos cósmico. Algo semelhante ocorre com o caso da mulher que, simbolizando a fecundidade ganha prestígio ao ser associada à agricultura, que por sua vez, é dominada pelo homem e, ao dominá-la, domina também à mulher, aqui associada ao caos, à selvageria, ao mistério. Dotado de razão e de capacidade de dominar a natureza, o homem vê a mulher como signo da imanência, submetendo-a a sua vontade, porém, mantendo-a em um patamar mínimo de transcendência, ou seja, de magia, salvaguarda a possibilidade de fecundá-la e servir-se da companheira ao mesmo tempo. Aqui, Simone evoca divindades femininas, cujo prestígio as levou a superar a associação ao caos e, por vezes, a governar, isto é, a transcender: Isis, Reia, Ghea e Cibele²⁹; e acrescenta Niobe e Medeia³⁰, como mulheres de uma época em que as mães tinham consciência que os filhos eram delas; e por fim, cita Hécuba e Andrômaca³¹, mães e esposas fortes. Assim, Beauvoir inicia seu memorial com personagens femininas que superaram sua condição de imanência rumo à transcendência pela via da fecundação, da maternidade e da ação na ordem cultural do matriarcado. Ocorre que a transcendência alcançada não se sustentou em nenhum dos casos, levando-as de volta ao estado de imanência. Medeia, mãe consciente de que os filhos lhes pertencem, prefere matá-los a aceitar que a nova esposa de Jasão os crie e faça deles príncipes. Sua transcendência se deu na escolha que fez ao fugir com Jasão, sua imanência retorna como castigo. Niobe, orgulhosa de seus catorze belos filhos, numa ação transcendente reivindica para si o culto da fertilidade, oferecido a Leto que só tem dois filhos. Para honrar a mãe, os filhos de Leto matam os catorze filhos de Niobe que, por sua vez, retorna à imanência como uma rocha e suas lágrimas formam uma nascente. Hécuba, mãe de dezenove filhos, entre eles, Heitor, vê todos morrerem na guerra de Troia. Levada como escrava transcende sua condição, cegando o rei e matando dois de seus filhos com ajuda de outras escravas. Porém, Hécuba cai na imanência novamente, sendo transformada em cadela cujos uivos assustam o povo. Por fim, Andrômaca, esposa e mãe modelo, tendo perdido marido, tenta salvar o filho aceitando a proteção de um rei; fato cujo desdobramento será a morte de seu filho. Sem família, Andrômaca, passa a viver a margem da sociedade, retornando à imanência. Essas mulheres, afirma Beauvoir, são anteriores à cultura do gineceu, o espaço doméstico que marcará os limites da imanência feminina por longos séculos, explicando a condição de segundo sexo na qual a mulher se encontra. O homem escraviza a natureza e junto com ela a mulher, produzindo a passagem do que havia de prestígio e matriarcado para um modo de patriarcado, no qual a exaltação da mulher como o Outro representa sua expulsão do *mitsein*³² na cultura do gineceu. O gineceu, cômodo da casa e regras sobre a circulação e contato com as mulheres, estabelecem a cultura patriarcal na qual a mulher passa a conviver com o grau mínimo de transcendência, sendo domesticada para retornar à sua imanência, isto é, ao convívio com as mulheres no gineceu. Beauvoir inclui agora Clitemnestra, como o caso que ilustra o triunfo do patriarcado sobre o matriarcado, lembrando que o tribunal absolve Orestes proclamando-o filho de Agamenon antes de sê-lo de Clitemnestra. Adão e Eva, as leis de Manu, dos Levíticos, de Sólon, do direito romano, confirmam a ideia de que a mulher é o Mal e este é necessário ao Bem, como a noite à luz.

²⁹ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 90.

³⁰ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 90.

³¹ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 91.

³² *Mitsein: being with others*, conceito Heidegger.

Avançando em sua historiografia, a filósofa do existencialismo examina como as mulheres saem da condição de quase escravas nas sociedades grega e egípcia para uma pequena emancipação no mundo romano, porém, esta as torna vítimas da misoginia. A prostituição que antes teve prestígio como parte da cultura de hospitalidade ou de rituais religiosos é adaptada para a cultura do desprezo pela mulher no mundo ocidental, com exceção das *hetairas*. Havia na Grécia Antiga três tipos de cortesãs: as *diteriades*, aqueles que atendiam o nível mais baixo da sociedade; *auletrides*, dançarinas ou musicistas; *hetairas*, em geral vinham de Corinto, eram cultas e tinham como amantes homens notáveis; por vezes, eram contratadas como administradoras domésticas, e exerciam a prostituição em outro local³³. Simone menciona Lamia, uma auletride que enriquece com o seu talento; Aspásia, Frineia e Laís, como hetairas que alcançaram a superioridade da mulher livre sobre aquela que é a mãe de família. Aspásia é novamente mencionada ao lado de Safo; ambas como mulheres que tentaram protestar contra a condição semiescravizada do sexo feminino apoiando-se em Platão que é favorável ao acesso das matronas na administração da República. Porém, o que se segue é Lisístrata³⁴ sendo ridicularizada por Aristófanes e Aristóteles declarando que a mulher, por ser deficiente, deve viver fechada em sua casa e subordinada ao homem. Simone cita frases desfavoráveis à mulher proferidas por vários filósofos gregos e conclui que a personagem de Xantipa³⁵ resume todos os ressentimentos contra a esposa megera e os infortúnios da vida conjugal.

O projeto historiográfico de Simone de Beauvoir não se pauta pela linearidade cronológica, pois o tempo apresenta-se espiralado propondo laços entre mulheres do passado e do presente: Aspásia, a *hetaira* do mundo grego, reaparecerá no início do Renascimento ao lado de Isabel de Luna, Catarina di San Celso e Impéria³⁶, bem como no final deste período, ao lado da *salonerie* Mme. de Maintenon e da diplomata Princesa de Ursins³⁷, consideradas conselheiras. Os nomes das mulheres podem ser agrupados no espaço e no tempo, mas também pelo papel que representam, observando como cada agrupamento se posiciona numa escala de maior ou menor grau de igualdade com os homens. Sobre isso, Simone nota que somente as soberanas e as santas alcançam um grau de respeito equivalente aos seus pares masculinos soberanos ou santos, o que é explicado pelo fato de que a soberania e a santidade estão acima dos sexos. Soberanas: Isabel, a Católica, Isabel da Inglaterra e Catarina da Rússia, enquanto Catarina de Siena e Santa Teresa³⁸, santas acima de tudo. Nota-se aqui ecos do ensaio de Marie de Gournay.

Sobre o século XVII, diz Simone: “A vida mundana desenvolve-se e a cultura expande-se”³⁹, destacando os nomes de Mlle de Gournay, Mme de Rambouillet, Mlle. de Scudéry, Mme de La Fayette, Mme de Sévigné na França; em outros países, a Princesa Elizabeth, Rainha Cristina, Mlle. Schurman. Em seguida: Ana de Áustria, Duquesa d’Aiguillon, Mme de Montbazou, Duquesa de Chevreuse, Mme de Montpensier, Duquesa de Longueville, Anna de Gonzague, Mme de Maintenon, Princesa de Ursinis e Mme de Cîray. Entre as cortesãs: Ninon de Lenclos deixará sua biblioteca com mais de dois mil livros para

³³ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 111.

³⁴ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 111.

³⁵ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 113.

³⁶ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 133.

³⁷ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 135.

³⁸ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 169.

³⁹ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 134.

Voltaire e a ela segue-se outro elenco de mulheres letradas que alcançam a emancipação, mas são levadas ao exagero da futilidade que as remete à ridícula imanência dos caprichos. Retornando aos mesmos nomes, Beauvoir cita duas obras escritas, *Discours docte et subtil*⁴⁰, de Margarida de Valois, e *Égalité des hommes et des femmes*⁴¹, de Marie de Gournay, como discursos que retorquiram autores masculinos que ridicularizavam as mulheres⁴². Contudo, uma literatura de sátiras às mulheres se impõe mesmo entre os homens que as defendem, como é o caso de Molière em *Les précieuses ridicules*. O memorial segue repetindo nomes e acrescentando novos.

Ao olhar para as mulheres em conjunto, Simone conclui que algumas mulheres protestaram isoladas contra seu destino: Safo, Christine de Pizan, Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges⁴³; outras coletivamente como as matronas romanas contra a lei Ápia e as sufragistas anglo-saxônicas. Judite, Charlotte Corday e Vera Zassulitch matam, as mulheres da Fronda⁴⁴, conspiram. Aspasia, Mme. Maintenon e a Princesa Ursins, conselheiras. Lucrécia, suicida. Joana D'Arc, Mme. Roland e Flora Tristan⁴⁵, heroínas barrocas, exemplos de agentes históricos. Rosa Luxemburgo e Mme. Curie⁴⁶ só foram possíveis depois de muita luta. Maria Bashkirtseff, pintora e escultora ucraniana, e Christine de Pizan⁴⁷ enfrentam as circunstâncias desfavoráveis. A última mulher citada por Simone de Beauvoir é Cinderela⁴⁸, a personagem que ainda representa o desejo de ascensão social das mulheres à casta superior do mundo masculino; porém, “só uma ganha, entre milhares, na loteria do bom casamento”⁴⁹.

Notas para o ensino de filosofia

Separadas por mais de três séculos, Gournay e Beauvoir inscrevem-se em tradições filosóficas distintas e, no entanto, ao tratar de memória e história como problema filosófico, ambas fazem perfilar o nome de mulheres, mostrando que elas estiveram presentes nos acontecimentos narrados em diversas obras. O estudo das duas autoras revela dois caminhos de reflexão sobre o tratamento dispensado ao tema da diferença entre os sexos. Enquanto Gournay examina a dimensão da igualdade entre homens e mulheres, personagens das historiografias, Beauvoir propõe uma história da desigualdade que conduziu o sexo feminino ao segundo lugar, isto é, a posição de inferioridade na sociedade. Em Gournay, a investigação da igualdade entre os sexos utiliza argumentos de qualidade e quantidade, associando-os ao par conceitual entendimento-memória dos fatos narrados, não havendo porque continuar ignorando as evidências de que ambos os sexos estão sob o mesmo estatuto. Em Simone, a história da desigualdade imposta ao segundo sexo explica a subordinação da mulher pelo fato de ter sido toda ela feita por homens; sendo que “feita por homens” significa uma

⁴⁰ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 138.

⁴¹ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 139.

⁴² Gournay crítica a prática das *salonnières* quando amantes e confidentes de escritores que, ao adquirir cultura e bons rendimentos, tornam-se fúteis.

⁴³ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 167.

⁴⁴ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 169.

⁴⁵ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 170.

⁴⁶ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 171.

⁴⁷ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 172.

⁴⁸ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 176.

⁴⁹ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 177.

situação de desequilíbrio que remete a mulher à imanência na cultura do casamento, com rara possibilidade de acesso à transcendência. Diz Simone:

Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continue-se a considerar que o casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que dispensa qualquer participação na vida coletiva⁵⁰.

O memorial de nomes femininos descortina o brilho intelectual de mulheres que sozinhas conquistaram a independência econômica, mas lembra que a maioria delas teve um destino mais rico por nascimento ou tornando-se amante. Isto é, a posição econômico-intelectual opera como condição para que a mulher acesse à dimensão da transcendência; mas, o prestígio social do casamento ainda opera, conduzindo as mulheres ao desejo de agradar aos homens, de tal modo que ela “não exista para si, mas tal qual o homem a define.”⁵¹ Gournay refuta os discursos de desigualdade de sua época, Beauvoir questiona a igualdade e suas pequenas conquistas.

Em ambas as autoras, a memóriografia de nomes de mulheres é ferramenta de reflexão e de narrativa reconstrutiva da história da filosofia. Visto que a emancipação do sexo feminino não está dada, faz-se necessário evocar sempre o memorial de nomes de mulheres em nossos cursos de filosofia; e acrescentar novas pensadoras, e não nos esquecermos daquelas que nos são próximas.

Referências bibliográficas:

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

DEZON-JONES, E. *Fragments d'un discours féminin. Textes établis, présentes et commentés par Elyane Dezon-Jones*. Paris: Librairie José Corti, 1988.

GOURNAY, M. “Igualdade entre homens e mulheres [1622]”. In: *Modernos e Contemporâneos - International Journal of Philosophy*. Trad. Clémie Ferreira Blaud. Campinas, v. 4, n.º 10, 2021.

_____. “Égalité des hommes et des femmes”. In: *Les avis ou Les présens de la demoiselle de Gournay*. Paris: Lean Du Bray, 1641. Disponível em na Gallica (BnF).

JOHANSON, I. “Moral da ambiguidade, liberdade e libertação: Filosofia e feminismo em Simone de Beauvoir”. In: *Revista Ética@*. Santa Catarina, v. 17, n2, pp. 239-257, 2018.

STEINBERG, S.; ARNOUD, JC. “Les Femmes et l'écriture de l'histoire. 1400-1800”. In: *CLIO, Femme, Genre et Histoire*. Mont-Saint-Aignan, Publications des universités de Rouen et du Havre, 553, pp. 275-278, 2008.

⁵⁰ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 175.

⁵¹ BEAUVOIR, *O segundo sexo*, p. 177.